

O MILAGRE DA ARANHA

Conferência proferida por *MARC STRAUSS** no Sixième Rendez-vous International de l'Internationale des Forums et de l'École de Psychanalyse des Forums du Champ Lacanien – IF-EPFCL: Le “mystère du corps parlant”**

A referência é, claro, às páginas 125-126 do seminário “Mais, ainda”:

(...) a formalização da lógica matemática, tão bem feita para só se basear na escrita, não poderá ela nos servir no processo analítico, no que ali se designa *isso que invisivelmente retém os corpos?*

Se me fosse permitido dar-lhe uma imagem, eu a tomaria facilmente daquilo que, na natureza, mais parece aproximar-se dessa *redução às dimensões da superfície que a escrita exige*, e de que já se maravilhava Spinoza – esse *trabalho de texto* que sai do ventre da aranha, sua teia. Função verdadeiramente milagrosa, ao se ver, da superfície mesma surgindo de um ponto opaco desse ser estranho, *desenhar-se o traço desses escritos*, onde perceber os limites, os pontos de impasse, os becos sem-saída, que mostram o real acedendo ao simbólico. (LACAN, 1975/1985, grifos do autor)

Nessa passagem, Lacan nos designa a teia de aranha como o escrito que “invisivelmente retém os corpos”. Assim, eu mesmo fui retido por essa passagem, o advérbio invisivelmente nos indicando que o que está em jogo aí se situa em um outro nível que não o da imagem narcísica.

Foi o caráter anedótico da passagem que me reteve de início; em primeiro lugar, a doce ironia com a qual Lacan faz alusão, via Newton, a toda a questão da filosofia antiga, aquela sobre o que garante a ordem do mundo; em seguida, reteve-me também a ironia mais cruel que consiste em comparar o balé dos corpos humanos àquele dos insetos presos num teia de aranha. Encontra-se aí uma bela representação do inconsciente: crê-se agir segundo sua vontade, mas apenas se está preso invisivelmente, e sem o saber, na teia de aranha de um programa inconsciente – teia na qual os outros estão presos tanto quanto. Mas, mais cruel que os filmes da série Matrix, Lacan não nos deixa nenhuma alternativa: nós não escaparemos, nós terminaremos propriamente devorados.

* Psiquiatra e psicanalista, AME da AME da École de Psychanalyse des Forums du Champ – France (EPFCL – France). É professor do Colégio Clínico de Paris.

** Realizado em Roma de 11 de julho de 2010.

A expressão “isso que retém os corpos...” me parece ela mesma rica em ressonâncias:

Na retenção, há o fato de se reter a inibição, que faz com que nosso corpo nos obedeça, não importa o que ele faça; a retenção, então, impede que os corpos se aglomerem em massa uns nos outros, mantendo entre eles uma distância que lhes permite se mover uns em relação aos outros. Evidentemente, a forma mais refinada de se mover uns em relação aos outros é a dança, eis porque Lacan diz que essa arte florescerá quando os discursos tomarem lugar.

Na retenção, existe também o fato de reter um objeto ou alguém; o fato, então, de que os corpos não se distanciam muito um do outro, por vezes se retendo um e outro ao ponto de se abraçar, ou mesmo de se estripar – os corpos fazem amor e guerra. Eu não sei muito bem se a guerra é uma arte que floresce quando os discursos não têm mais lugar, mas, no que concerne ao abraço copulatório, já não há dúvidas de que ele se origina de um fato de discurso.

Os discursos são maneiras de reter os corpos. Nós poderíamos desenvolver aqui a retenção histórica, o roubo do corpo sexuado; a retenção do mestre, que mantém cativo o corpo do escravo do qual ele explora o saber-fazer; a retenção do universitário, que mantém cativo o sujeito com o diploma que pode lhe distinguir; a retenção do analista, enfim, sua abstenção a fazer intervir seu corpo na realidade da experiência.

Mas por que conferir tanta importância a essa teia de aranha que aparece num canto improvável do texto de Lacan? Seria ela apenas a retomada de uma outra imagem de Lacan, bem mais antiga, bem mais conhecida e comentada, a imagem do tecido: o tecido simbólico, o tecido significante? Entre o tecido, com seus pontos de captação, e a teia de aranha não há senão o passo da representação da mortificação significante pela aranha, lembrando-nos do nosso inevitável e funesto destino?

A passagem do tecelão à aranha não acrescenta ao tecelão que é o Outro simbólico seu desejo, sempre suposto; mas ele priva desse Outro seu *métier*, seu saber-fazer, para dele deixar apenas um corpo, um corpo que está longe de ser morto, já que é aquele bem vivo da aranha; corpo reduzido unicamente à vida de voracidade. É notável, aliás, que as aranhas sejam os únicos animais cuja técnica de caça alimentar, sua teia, nos fascina mais do que sua técnica de caça sexual. Nelas, o orifício que nos retém nos fascina, a origem do mundo, para dizer de uma única vez, acha-se no ponto opaco do ventre desse estranho ser, a partir de onde se desenha o traço dos seus escritos.

Essa passagem de Lacan, para além do seu tom anedótico, de fato me reteve porque fui surpreendido pela proposição de que o que retém os corpos é a escrita.

Claro, os discursos são formalizados por Lacan em uma escrita. Os corpos foram retidos todo o tempo, bem antes que a escrita desses discursos fosse formalizada. Há então uma outra razão para esta referência à escrita por Lacan como princípio de retenção ativa dos corpos. Parece-me que se trata, para ele, de redefinir o desejo do *falasser* a partir da escrita como ato, ato em via de se realizar.

Aliás, duas dimensões da escrita são distinguidas na teia de aranha: há a maneira pela qual os corpos se colocam e se deslocam, aquela dizendo respeito à organização dos discursos; e há também o fato de que as leis que regulam o movimento desses corpos sejam escritas por um outro corpo. Trata-se então da questão do que dá corpo ao Outro.

Essa dupla dimensão é explicitada por Lacan quando ele fala da dupla condição necessária para que o efeito da escrita ocorra: “em vista do Outro, onde a linguagem se inscreve como verdade, (...) nada disso se mantém se não o sustento com um dizer que é o da linguagem e com uma prática que é a das pessoas que dão ordens em nome de um certo saber” (ibid., p. 165).

Na segunda parte da frase, a prática das pessoas que dão ordens em nome de um certo saber, o que supõe a existência de pessoas que obedecem, é a referência aos discursos, com as práticas que eles ordenam.

Mas a primeira parte enuncia uma novidade em relação ao tecido significante: ela acrescenta ao discurso a necessidade do dizer, dizer da linguagem, que é necessário – para que o efeito da escrita ocorra aos olhos do Outro, guardião e garantia da verdade.

O que é esse dizer da língua senão o Outro que se encarna, e cuja presença se lê nos limites, nos pontos de impasse, nos becos, do real, que são tramados nas regularidades ordenadas pelas leis da verdade, guardadas no Outro?

A teia invisível, que retém os corpos à vista do Outro que é a aranha, porta o traço de um efeito de linguagem, de um dizer que é encarnação; não há tecido sem aranha, sem desejo da aranha, poderíamos dizer em homenagem à Polônia de Jarry.

A teia é escrita enquanto ela é o que liga o dizer, representado pelos traços do desejo do Outro-aranha, e o dito, os discursos, as leis de circulação que estabelecem sua teia.

Assim, é uma escrita, e não a palavra, que retém os corpos – o que me havia espantado no início, porque me parecia contradizer tudo o que Lacan tinha articulado sobre a palavra, precedentemente. Parece-me que o passo operado aqui é que a palavra supõe uma escrita prévia.

Do que é que necessita esse passo do dizer, essa distinção entre o dizer e o dito que retoma, formalizando-a, a distinção entre o enunciado e a enunciação?

Nós o vimos, a palavra se inscreve num discurso como verdade, no lugar do Outro; mas essa verdade não tem fim último. Ela é sem fim, porque é sempre recolocada em questão pelo sujeito, e assim nunca responde à única questão importante, a questão sobre o seu fim: “Como isso termina?”, outra maneira de formular a questão do sentido.

Não saber sobretudo como isso vai terminar se acompanha de um afeto que tem um nome: a angústia. Angústia porque, de fato, nós sabemos muito bem como isso vai terminar; e, se nós não quisermos ser paralisados por esse fim programado, é preciso que nós o esqueçamos, ao menos que nós nos desviemos dele, para fazer alguma coisa que tenha um fim possível, um fim tal que se mantenha nossa ligação ao Outro. Assim, quando se fala, nunca se está só; e falar é fazer semblante de saber como isso vai terminar. Por exemplo, gerar um bebê tendo um relação sexual. O problema é que não se sabe o que é uma relação sexual, pois ela não está inscrita no inconsciente.

Se falar é colocar em cena um semblante, um fantasma que se representa ao olhar do Outro, com a escrita é diferente. A escrita, eu diria, implica um nível outro, e talvez um risco mais radical que a palavra. Na escrita, nada está em jogo ainda, ela não assegura que o efeito em via de se produzir ocorra frente ao olhar do Outro.

Escrever é então afrontar a solidão, fazê-la sua, assinando-a; assinando-a no fato mesmo de traçar os signos que fazem aceder o real ao simbólico.

Os desenvolvimentos sobre a assinatura poderiam encontrar aqui o seu lugar; eu os deixo na reserva, e volto à distinção que tentava precisar entre palavra e escrita. Com efeito, uma palavra pode sempre ser desmentida, prolongada; mas não existe desmentido para a escrita, e, pode-se bem rasurá-la, ela permanecerá traço da rasura.

De toda a forma, a escrita no início da palavra deve escorregar na *lalangue*, que não existe sem o Outro. *Lalangue* que o sujeito percebeu no seu corpo, e do qual o Outro lhe permite ao mesmo tempo decifrar o efeito que ela lhe causa.

O uso mesmo de nossa língua francesa nos indica que se experimenta um afeto no seu corpo, mas que é sobre uma superfície que se o escreve.

Assim, para se chegar à redução do espaço do corpo às duas dimensões que exige o escrito, é preciso passar de início por sua redução a um ponto, ponto opaco em que, do real, surge o simbólico. Esse ponto opaco, destinado a ser rasurado, não esconde nenhuma escrita prévia; mas designa o gozo no coração da escrita, ele é o seu suporte, aquém de toda palavra.

Traço de uma rasura, eis então o que é o sujeito: um sujeito que se religa ao corpo, ao corpo do Outro, operando este milagre que faz com que nós não sejamos rasuras, mas corpos falantes, de acréscimo corpos falantes na verdade.

E o que retém invisivelmente os corpos são os nós da escrita que fazem os reais dos seus gozos.

Tradução: Fábio Luís Franco

Referência

LACAN, J (1975). *O Seminário: Livro 20: mais, ainda*. Tradução de D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.